

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS – UNAT-
BRASIL

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DA ANÁLISE
TRANSACIONAL

**A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DA ANÁLISE
TRANSACIONAL**

CAMILA RAMOS EMERIM

CRICIÚMA – SC

2014

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União

– BRASIL como requisito parcial do curso de Pós-Graduação para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

CRICIÚMA- SC

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DA ANÁLISE TRANSAcional

THE DIFFICULTY OF LEARNING UNDER THE PERSPECTIVE OF TRANSACTIONAL ANALYSIS

CAMILA RAMOS EMERIM¹

Faculdade JK de Tecnologia

UNAT - BRASIL– União Nacional de Analistas Transacionais

RESUMO: O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que discute os fatores que permeiam as dificuldades de aprendizagem e os relaciona com a teoria psicológica Análise Transacional. Para isso, foram abordados os conceitos de Carícias e Posição Existencial. Conclui que o vínculo afetivo e os padrões de Carícias da família podem fomentar ou bloquear a aprendizagem da criança, assim como sua Posição Existencial, a qual irá interferir em todos os aspectos da vida, incluindo a escola. Conclui ainda que crianças com dificuldade de aprendizagem apresentam, em geral, Posição Existencial depressiva (Não Ok/Ok) ou Nihilista (Não Ok/Não Ok).

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade de aprendizagem, Análise Transacional, Carícias, Posição Existencial.

ABSTRACT: This article comes up a literature that discusses the factors that underlie learning difficulties and relates to the psychological theory Transactional Analysis. For this, the concepts of Strokes and Existential Position were discussed. Concludes that the emotional bond and patterns of Strokes family can foster or block children's learning, as well as their Existential Position, which will interfere in all aspects of life, including school. Also concludes that children with learning disabilities have generally Existential Depressive Position (No Ok / Ok) or Nihilist (No Ok / No Ok).

KEY-WORDS: Learning Difficulty, Transactional Analysis, Strokes, Existential Position.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que discute os fatores que permeiam as dificuldades de aprendizagem e os relaciona com a teoria psicológica Análise Transacional (AT). Isso porque, até o momento, não foram encontradas pesquisas em Análise Transacional, no Brasil, que aprofundem as

¹ Psicóloga graduada pela Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC. Pós-graduanda em Análise Transacional pela Faculdade de Tecnologia Juscelino Kubitschek. End.: Av. Getúlio Vargas, sala 301, 150, centro, Sombrio-SC. Tel.: 48 96197344. E-mail: camilaemerim9@yahoo.com.br.

questões psicológicas envolvidas na dificuldade de aprendizagem. Diante disso, esse estudo vem apresentar uma nova maneira de abordar a dificuldade de aprendizagem.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender a dificuldade de aprendizagem sob a ótica da Análise Transacional, sendo essa uma teoria de confiança no ser humano, que compreende que todo ser humano nasce Ok, com plena capacidade de se desenvolver saudável e, assim, satisfazer suas necessidades. Porém, as interferências do meio afetam essas capacidades e então surgem as patologias humanas. A Análise Transacional, segundo a definição da International Transactional Analysis Association (ITAA, s/d, s/p): "é uma teoria da personalidade e uma psicoterapia sistemática para o crescimento e a mudança pessoal". Ou seja, a AT acredita que somos capazes de mudanças que nos levam a Oqueidade, que segundo Richard Erskine (s/d) é a crença e o sentimento associado de conforto que não interessa o que aconteça a mim, não importa quão ruim seja a situação, eu irei aprender a crescer a partir da experiência.

E, a partir dessa visão, buscamos compreender os aspectos emocionais e psicológicos que estão por trás da dificuldade de aprendizagem, pois parte-se da premissa que a dificuldade de aprendizagem é uma construção, um sintoma que a criança apresenta diante de uma condição psicológica que lhe traz sofrimento. E que pode ser reforçado e/ou gerado através das Carícias e Posição Existencial, dois conceitos da Análise Transacional que serão aprofundados no decorrer desse artigo.

É possível observar um aumento de casos de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem; isso fica evidente na prática clínica com atendimento psicológico a crianças. Cada vez mais esses casos chegam aos consultórios de psicologia, e é importante que o psicólogo tenha um olhar diferente sobre essa criança, não um olhar patologizador, classificador, que rotula a criança ao invés de ajudá-la. É necessário que o psicólogo veja a criança antes mesmo de ver o sintoma que ela apresenta. E a Análise Transacional vem trazer esse olhar diferente, pois classificar a criança não é mais importante do que entender o que fez com que ela apresentasse esse sintoma. Entendemos a dificuldade de aprendizagem como resultado de muitos fatores e, por isso, não podemos entender que a criança seja a única responsável pelo seu fracasso escolar.

Diante disso, acredita-se que a Análise Transacional vem contribuir muito no tratamento dessa questão.

Desta forma, a pesquisa buscou entender como a dificuldade de aprendizagem é compreendida pela Análise Transacional.

Esse artigo discorre primeiramente sobre o conceito de dificuldade de aprendizagem, e depois enfoca o olhar da Análise Transacional sobre o tema, relacionando o mesmo com os conceitos específicos de Carícias e Posição Existencial para explicar a dificuldade de aprendizagem.

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

A dificuldade de aprendizagem (D.A) é um termo que vem circulando nos contextos escolares e, junto dele, vêm muitas dúvidas, alguns preconceitos e muitos rótulos. Mesmo sendo muito discutida nos últimos anos, ainda não há um consenso, e a discussão sobre esse tema ainda não está totalmente resolvida. Uma das questões que norteiam essa discussão é sua própria definição; ainda hoje se observam muitas confusões e utilização de termos que não são correspondentes à dificuldade de aprendizagem.

Segundo Moojen (1999), os termos distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem têm sido utilizados de forma aleatória, tanto na literatura especializada como na prática clínica e escolar, para designar quadros diagnósticos diferentes.

Nesse artigo, entendemos dificuldade de aprendizagem com um olhar semelhante ao de Almeida e cols (1995 apud MARTURANO, 1999, p. 137):

O conceito, descritivo dos fatores precipitantes do baixo desempenho escolar, difere essencialmente do de distúrbio de aprendizagem, pois não situa a origem da dificuldade no indivíduo, mas nas interações entre características pessoais e fatores relacionados ao núcleo familiar, à escola e ao meio social.

A dificuldade de aprendizagem nesse artigo é compreendida não como tendo uma causa biológica, como nos distúrbios de aprendizagem, os quais são decorrentes de imaturidade do desenvolvimento e/ou disfunção psiconeurológica, que interferem diretamente na aprendizagem da criança devido a uma lesão neurológica, por exemplo. Mas sim como uma construção, onde a causa da dificuldade de aprendizagem não está somente na criança, mas sim devido a muitos fatores como: contexto familiar, questões emocionais, sociais e psicológicas.

Segundo Figueiredo et al (2007), as crianças com dificuldades de aprendizagem, em geral, têm nível intelectual normal, mas apesar disso, apresentam dificuldades em tarefas específicas. Por isso, entendemos que não há comprometimento cognitivo em relação ao aspecto neurológico. Faz-se importante essa diferenciação, pois é possível observar um processo de patologização da aprendizagem. Toda criança que foge “às regras”, ou seja, apresenta algum tipo de dificuldade na escola, é rapidamente enquadrada em alguma patologia para explicar tal diferença. Quase sempre a criança é tida como única responsável pelo seu “fracasso” escolar.

Sabemos que questões pedagógicas também interferem nesse desempenho da criança; há algum tempo vem se falando sobre isso (BAZI, 2000 e DURIGAN, 2007.). Mas, na verdade, ninguém quer assumir a responsabilidade desse “fracasso”, nem a família, nem a escola. E a criança acaba por ser obrigada a assumir todas as consequências geradas pela dificuldade de aprendizado sozinha.

Silvares (1993), em sua pesquisa, relata que os problemas de aprendizagem no Brasil constituem o principal motivo de busca de atendimento psicológico para crianças de 6 a 12 anos.

De acordo com D'Avila-Bacarji, Marturano e Elias (2005), a partir dos anos 50 observou-se um aumento de interesse dos pesquisadores em investigar as influências da família no aprendizado escolar. Começaram focalizando o nível socioeconômico das famílias, mas foi a partir dos anos 1960 que focaram na influência dos processos proximais da família sobre o desempenho das crianças na escola.

Essas pesquisas foram muito importantes, pois trouxeram à tona uma visão diferente sobre a dificuldade de aprendizagem, ou seja, retirou da criança a completa responsabilidade dela sobre seu fracasso e começaram a discutir a respeito das interferências ambientais e familiares nesse processo.

Segundo Bradley, Caldwell & Rock, 1988; Stevenson & Baker, 1987 (apud D'AVILA-BACARJI, MARTURANO E ELIAS, 2005, p.44):

Os resultados dessas pesquisas sugerem que os pais e a família podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de competências interpessoais que garantem um bom relacionamento com professores e colegas. Diversos aspectos da vida familiar são importantes, incluindo desde a atmosfera e

organização do lar até o envolvimento direto dos pais com a vida escolar da criança.

Diante dessa afirmação, podemos dizer que o envolvimento direto dos pais com a vida escolar dos filhos parece ser um preditor significativo de progresso escolar da criança. Isso vem confirmar a ideia de que a dificuldade de aprendizagem é algo construído em um contexto familiar, de forma inconsciente, mas construído através da forma como os pais e os filhos se relacionam. Faz-se necessário reforçar aqui, que a escola também apresenta importante influência sobre a criança em seu aprendizado.

D'Ávila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) em relação aos resultados da pesquisa, dizem que a ajuda que os pais oferecem em relação às atividades escolares, pode estar prejudicada por problemas no relacionamento entre a criança e seus cuidadores. E, ao invés de colaborar, acaba por interferir de forma negativa na aprendizagem.

Ferreira e Maturano (2002) dizem que crianças com dificuldades de aprendizagem que têm pais agressivos, distantes e que utilizam como forma punitiva a agressão física, tendem a ter problemas de comportamento e recebem mais suspensão na escola.

Diante de todas essas informações e pesquisas realizadas sobre dificuldades de aprendizagem, nossa intenção agora é relacionar os dados já obtidos sobre o assunto com a teoria da Análise Transacional, buscando uma nova compreensão sobre a dificuldade de aprendizagem.

ANÁLISE TRANSACIONAL E SEU OLHAR SOBRE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

A Análise Transacional, iniciada por Eric Berne, médico psiquiatra canadense, em 1958, consiste em, segundo o próprio autor, “uma teoria sistemática e consistente da personalidade e da dinâmica social derivada da experiência clínica, e uma forma dinâmica e racional de terapia que é facilmente compreendida pela grande maioria de pacientes psiquiátricos.” (BERNE, 1985, p. 21). Seu intuito era de oferecer uma abordagem que ajudasse os pacientes a superar suas dificuldades de

maneira mais rápida, e que os pacientes pudessem compreender o processo em que estavam.

Segundo Oliveira (2011, p. 11), "a Análise Transacional tornou-se um importante referencial para pessoas que procuram desenvolver a compreensão e intervenção em problemas humanos dentro de uma visão integrativa."

A Análise Transacional é estruturada a partir de dez conceitos que são Estados de Ego, Transações, Carícias, Estruturação do Tempo, Posição Existencial, Emoções e Disfarces, Jogos Psicológicos, Script, Mini Script e Grupos. Aqui, serão destacados os conceitos de Carícias e Posição Existencial.

Como a Análise Transacional é uma teoria integrativa, seus conceitos estão interligados na construção da personalidade da pessoa; devido a isso, poderemos citar os demais como forma de compreensão do contexto em que se fala. Mas o foco ficará nos dois conceitos já especificados.

Carícia é um conceito muito importante dentro da Análise Transacional, pois constitui a essência das relações humanas. Por Carícias entendemos que "são estímulos sociais dirigidos de um ser vivo a um outro, o qual, por sua vez, reconhece a existência daquele." (KERTÉSZ, 1987, p.71).

Para Berne (1977, p.18), "uma ligação biológica pode ser, portanto estabelecida, partindo-se da privação afetiva e sensorial e chegando até as alterações degenerativas e morte." Com isso Berne quis dizer que as Carícias são muito importantes para nossa sobrevivência ao ponto de morrermos caso essa necessidade não seja satisfeita. Nós temos necessidade de contato humano, de sermos acariciados, estimulados, abraçados, elogiados, tocados fisicamente e reconhecidos de maneira verbal ou não.

Segundo Steiner (2010, p.107-108), "as Carícias são tão necessárias à vida humana quanto as outras necessidades biológicas primárias, tais como comida, água e abrigo, necessidades que quando não satisfeitas, levarão à morte.". Todo ser humano tem fome de Carícias; temos a necessidade de sermos reconhecidos, e isso é o que move as relações humanas. E, quando atender essas necessidades de forma positiva (Carícias Positivas) não é possível, o ser humano busca suprir esse contato de forma negativa, o que chamamos de Carícias Negativas, que são Carícias que nos convidam a sentir emoções e sensações desagradáveis, e então "atuaremos no sentido de sermos agredidos ou consolados, pelo menos. Todas estas são formas de obter o reconhecimento de nossa existência como parte de um

todo." (KERTÉSZ, 1987, p. 72). Esse reconhecimento pode ser verbal ou não-verbal, condicional (tem que haver uma condição para que ela seja dada) ou incondicional (não necessita de condição para ser dada).

Conforme o tipo de reconhecimento que recebemos das pessoas de nossa família, que são os primeiros contatos/relações da criança, a pessoa vai formando um conceito sobre si mesmo, e esse conceito será bom ou mal, dependendo da forma como a criança é tratada na sua família. A esse conceito a Análise Transacional chama de Posição Existencial, "que é a forma como percebemos a nós mesmos em relação às outras pessoas." (KERTÉSZ, 1987, p. 86). A Posição Existencial é uma decisão da pessoa, mas essa decisão acontece quando criança, e é reconfirmada nas relações depois que crescemos.

Qualquer que seja a decisão, poderá ser justificada assumindo-se uma posição baseada agora em convicções profundamente arraigadas, a posição que envolve uma visão de todo o mundo e todas as pessoas que dele fazem parte, sejam amigos ou inimigos. (BERNE, 1988, p. 81),

E essas convicções têm a chance de permanecer para o resto de sua vida. Para Berne, essas convicções ou pensamentos que temos sobre nós mesmos e os outros, podem ser resumidas em: Eu estou Ok ou Eu Não estou Ok. Você está Ok ou Você Não está Ok. "É com base nisto que ela toma sua decisão de vida." (BERNE, 1988, p. 81).

E forma as quatro Posições Existenciais ditas por Berne, que são: (1) Eu estou Ok, Você está Ok, trata-se da Posição Saudável, tida como a ideal por Berne. (2) Eu estou Ok, Você Não está Ok, Posição Paranóide, de "Livrar-se de". (3) Eu Não estou Ok, Você está Ok, é a Posição Depressiva. (4) Eu Não estou Ok, Você Não está Ok, Posição Suicida, do "por que não". Essas são as Posições de Berne, mas temos também Kertész, que nos traz uma nova Posição Existencial; ao invés de quatro, serão cinco Posições. Ele acrescenta a Posição (OK +/- Ok +/-) descrita como Realista.

Na posição REALISTA percebe-se o lado realmente positivo e negativo de si mesmo e dos outros. Na DEPRESSIVA, exagera-se o próprio lado negativo, desqualifica-se o positivo de si mesmo, e em troca valoriza-se o positivo dos outros, ignorando seu lado negativo. Na PARANÓIDE, faz-se o inverso da DEPRESSIVA. Na MANÍACA, supervaloriza-se o positivo – o próprio e o alheio. Na NIILISTA ou FÚTIL, melhor nem falar: "Eu sou um desastre, os outros também". (KERTÉSZ, 1987, p. 88. Grifos do original)

Desta forma, Kertész acrescenta uma nova Posição Existencial, a Realista (Ok +- / Ok+-) e denomina a Posição Saudável de Berne (Ok/Ok) de Posição Maníaca, visto que para Kertész, a Posição Ok/OK, é a supervalorização dos aspectos positivos da pessoa e do outro, com isso iria ignorar-se os aspectos negativos que todos têm. Neste artigo, usaremos o conceito de Kertész como referência em Posição Existencial.

Eric Berne traz em sua teoria uma premissa básica que diz que todas as pessoas nascem Ok, ou melhor, que “as pessoas nascem príncipes e princesas, até seus pais transformarem-nas em sapos.” (STEINER, 1976, p.15). Isso quer dizer que, retirando fatores orgânicos, genéticos, as pessoas nascem saudáveis. Segundo Steiner (1976, p. 15) “as pessoas nascem Ok, e as sementes dos distúrbios emocionais, da infelicidade e da loucura não se acham nelas, e sim nos seus pais.”.

Partindo dessa premissa que as pessoas, quando nascem, são naturalmente Ok, podemos entender que uma criança não nasce com dificuldade de aprendizagem, a não ser que ela tenha uma lesão cerebral ou algo semelhante que interfira na aprendizagem. Retirando as possibilidades orgânicas, podemos dizer que toda criança nasce com plena capacidade de aprender e desenvolver capacidades escolares. E, então, podemos nos questionar da seguinte forma: Se todos nascem Ok, com plenas capacidades, o que acontece com uma criança, para que ela desenvolva uma dificuldade de aprendizagem? Sabemos que são muitos os fatores que geram a dificuldade de aprendizagem, até porque, cada ser responde ao seu meio de uma forma diferente.

O que se pode pensar é que padrões de Carícias podem fomentar ou bloquear a aprendizagem. Nossos pais ou responsáveis são grandes fontes de Carícias positivas e negativas. E todo ser humano busca suprir suas necessidades de Carícias de várias formas.

As crianças destituídas desse reconhecimento [Carícias] não sorriem diante de um rosto humano, mostrando diversos atrasos em seu desenvolvimento. Também apresentam patologias psicossomáticas, como o ecsema ou a asma, transtornos gastrointestinais com choro intenso, ou emudecendo em casos extremos recusando toda alimentação. O que querem dizer estes bebês, que só sabem se expressar com seu corpo? “Toque-me, eu existo. Se não me querem, pelo menos batam em mim.”. (KERTÉSZ, 1987,p. 72)

Crianças com dificuldade de aprendizagem podem estar com fome de reconhecimento ou estar recebendo Carícias por meio da Dificuldade de Aprendizagem; algumas tendem a receber muitas Carícias por isso.

É importante esclarecer que o intuito não é julgar os pais, mas sim levantar a questão, já que sabemos que algumas atitudes, mesmo não sendo intencionais, geram conseqüências aos filhos. Como o exemplo de pais que não valorizam a educação escolar e/ou não se importam se o filho está aprendendo ou não. Pais que não participam da vida escolar dos filhos, negando, muitas vezes, ajudá-los em suas atividades escolares, ou pais com muitos compromissos, que não têm tempo para seus filhos, e esses com fome de Carícias, criam formas para conseguir as Carícias que necessitam. Esses são alguns exemplos de falta de Carícias.

Pais que valorizam muito os erros e, diante de uma dificuldade dos filhos, tendem a chamá-los de "burros", "imbecis", "idiotas", "lerdos" levando seus filhos a acreditar que eles realmente devem ser aquilo que os pais dizem. Em experiência clínica, já ouvi relatos de crianças que dizem: "Eu não sou 'esperto'", "Eu sou burro, não adianta!". Ou quando a criança consegue tirar notas boas e não recebe Carícias, ou escuta: "Você não fez mais que sua obrigação.". E quando, tira notas baixas, recebe Carícias de superproteção ou Carícias negativas, ela pode concluir que "Se tiro nota alta nada acontece, se tiro nota baixa o ambiente me dá Carícias, então vou tirar notas baixas.". Nossas escolhas são baseadas em nossas necessidades de Carícias. Por isso, nossos comportamentos são fomentados por Carícias recebidas.

Outro exemplo é de pais que não aceitam os questionamentos dos filhos, que não "querem" que o filho pense (esse desejo não é consciente, mas é observado através do comportamento dos pais, que enviam essa mensagem à criança.), porque o fato da criança pensar incomoda os pais, pois algumas questões podem vir a atingir a fragilidade dos mesmos. Então, quando a criança demonstra pensar por si só é recriminada, e esses tipos de Carícias negativas podem bloquear a aprendizagem da criança.

Em relação a Carícias Positivas, porém, condicionais, um exemplo claro, é a família que tem pouco tempo para ficar com os filhos devido ao trabalho ou outros compromissos, e o filho tenta, muitas vezes, manifestar a necessidade de atenção dos pais, mas não é atendido. E então, a partir do momento em que a

criança passa a apresentar dificuldades na escola, essa família volta-se para o filho, dando-lhe Carícias Positivas Condicionais, oferecendo a ele uma atenção que ele não tinha de nenhuma outra forma. A criança passa a acreditar que, para ter a atenção dos pais, precisa ter problema com a aprendizagem. Ou passa a receber Carícias Negativas também Condicionais quando os pais dão a atenção, porém através de brigas, de agressões, de gritos, de ameaças caso a criança não melhore na escola.

Entende-se que é melhor receber uma Carícia Negativa do que nada receber. E a criança mantém esse comportamento, possivelmente porque acredita que, se melhorar na escola, não obterá mais as Carícias e, por necessidade de sobrevivência, a criança continua a ter problemas com a aprendizagem. A escola é uma instituição que dá grande repercussão na família, porque antes, os assuntos e dificuldades eram resolvidos dentro de casa; se a criança apresentava um comportamento, os pais eram os únicos a perceber. Mas, a partir do momento que a criança passa a ter uma vida social e o comportamento dela repercute e passa a ser uma dificuldade com outras pessoas, isso gera grande desconforto à família.

A escola vai pedir aos pais uma providência, uma atitude, para que a situação seja resolvida e então o problema sai do núcleo familiar e entra na esfera social, o que gera muito desconforto, pois os pais são, inúmeras vezes, chamados na escola, e muitas vezes vêem seus filhos sendo reprovados. E na escola, a criança passa a receber Carícias de outras fontes, como dos professores e colegas, que passam a influenciá-la.

É através das Carícias que recebe que a pessoa passa a formar sua Posição Existencial. Se a criança recebe muitas Carícias negativas, a mesma tende a desenvolver uma Posição Existencial sobre si negativa. Algumas pesquisas falam sobre o autoconceito que crianças com dificuldade de aprendizagem apresentam, e o resultado encontrado é que o que elas pensam sobre si mesmas é ruim. Segundo uma delas, Stevanato et al (2003), crianças com dificuldade de aprendizagem na escola apresentam baixa autoestima em relação ao status intelectual, comportamento, ansiedade e satisfação, comparadas a crianças que não têm dificuldade de aprendizagem. Nessa mesma pesquisa, destacou-se também que crianças com dificuldade de aprendizagem e com problemas de comportamento têm um autoconceito ainda mais inferior, mais baixo até mesmo que somente crianças com dificuldade de aprendizagem. Os autores atribuem isso ao fato de que crianças

com problemas de comportamento associado à Dificuldade de Aprendizagem, recebem muito mais *feedbacks* negativos da escola como um todo e da família, ou seja, recebem ainda mais Carícias Negativas.

Essa pesquisa vem confirmar o que havíamos falado sobre a Posição Existencial, a criança com dificuldade de aprendizagem apresenta, segundo a pesquisa, uma Posição Existencial "Eu Não estou Ok/ Você está Ok", a posição, segundo Berne e Kertész, denominada Depressiva, na qual as qualidades dos outros são vistas, mas as dele são desqualificadas. A criança tende a pensar que ela realmente é "burra" como os pais, os professores e até mesmo os colegas dizem que ela é, e passa a comportar-se de forma a corresponder àquilo que pensa sobre si. E sabemos que a forma como a pessoa se vê orienta a forma como ela se relaciona com o mundo, como se coloca nessas relações. Sendo assim, se a criança acredita que ela é ruim, que não sabe de nada, que é "burra", ela possivelmente bloqueará sua aprendizagem, podendo até tentar aprender, mas irá desistir nos primeiros desafios que tiver, pois se vê incapaz. Sente-se inferior ao outro e, assim, terá medo, vergonha de manifestar suas ideias e até mesmo suas dúvidas. Kertész (1987, p. 90), ao falar sobre Posição Existencial Depressiva (Eu Não Ok/Você Ok), refere que "adota-se esta posição quando se é perseguido, criticado, humilhado ou então superprotegido na infância."

A superproteção também é uma forma de desqualificação, que segundo Schiff (1986, p.18) "é um mecanismo interno que envolve pessoas que minimizam ou ignoram alguns aspectos de si próprias, de outras pessoas, ou da situação real."

Apesar de receber Carícias, a criança recebe junto a mensagem de que não é capaz de realizar as coisas por si só. Geralmente crianças superprotegidas são passivas, aguardam sempre que alguém faça por elas, já que não são capazes de fazer (sendo essa a crença da criança) e aprender conteúdos escolares é uma forma de crescer, amadurecer e realizar as coisas por si só, mas se ela acredita não ser capaz, logicamente não aprenderá.

Segundo Santos (2014), a construção cognitiva ou intelectual passa, de certo modo, pelas construções afetivas e, se essas não são responsáveis unicamente pela construção cognitiva, ao menos, possivelmente podem ser capazes de acelerar ou retardar os processos de aprendizagem.

Algumas crianças ainda podem escolher a Posição Existencial "Eu não sou Ok/ Você não é Ok", que é a Posição de "ir a lugar nenhum". Segundo Ernst

(2010), esta é a Posição na qual as pessoas não chegam a lugar nenhum, pois a pessoa acredita não ser capaz de fazer algo por si mesmo e acredita que o outro também não seja capaz de ajudá-la ou de fazer algo para sair dessa situação. Adotam uma postura de "não adianta", "desista". Crianças com essa Posição Existencial possivelmente nem tentarão aprender algo e em breve abandonarão a escola, já que não se veem capazes de aprender e desqualificam qualquer pessoa que tente lhes ensinar.

Nesse sentido, entende-se que, para a criança, são importantes e fundamentais os vínculos estabelecidos pela família e as Carícias oferecidas pela mesma, em todos os aspectos e também em relação à aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os vínculos afetivos e a forma como os familiares se relacionam com a criança, envolvendo, nesse caso, os padrões de Carícias, têm sua relevância e podem impulsionar ou bloquear a aprendizagem. Pode-se dizer que as Carícias são fundamentais para um bom desenvolvimento da criança e necessárias para a aprendizagem, pois, de acordo com os padrões de Carícias recebidos, a criança formará sua Posição Existencial, o que irá interferir em seu desenvolvimento biopsicossocial. Como vimos, crianças com dificuldade de aprendizagem possivelmente não tiveram suas necessidades atendidas e desenvolveram uma visão negativa sobre si e sobre os outros e, em geral, apresentam Posição Existencial depressiva (Não Ok/ Ok) ou Niilista (Não ok/Não Ok). E uma criança que não acredita na sua própria capacidade e habilidade de aprender, possivelmente terá problemas na escola.

Sendo assim, podemos concluir, embasados na Análise Transacional, que crianças que têm suas necessidades de Carícias Positivas saciadas, terão também uma Posição Existencial saudável, o que permitirá que essas crianças se desenvolvam de forma Ok e, conseqüentemente, tenham sucesso escolar. Lembramos que a primeira e principal fonte de Carícias de uma criança é a família. Entendemos que a dificuldade de aprendizagem é resultado de Padrões negativos de Carícias ou ausência delas, e que a Posição Existencial da criança é resultante também dos Padrões de Carícias que são dados pelos pais, que podem ser pais OK e também Não ok.

Este artigo teve o propósito de, através da Análise Transacional, trazer um “novo olhar” e assim, promover uma reflexão sobre a dificuldade de aprendizagem.

Sabemos que esse assunto é abrangente e que necessita de um maior aprofundamento sob outros conceitos de AT, já que não foi possível abordar todos os conceitos nesse artigo. Apesar disso, sabemos que mostrar esse novo olhar sobre a dificuldade de aprendizagem é uma importante contribuição para pensar novas formas de lidar com esse assunto.

REFERÊNCIAS

BAZI, Giseli. A. P. **As Dificuldades de Aprendizagem em leitura e escrita e suas relações com a ansiedade**. 2000. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Campinas. Campinas-SP.

BERNE, ERIC. **Análise Transacional em Psicoterapia**. Tradução de Lúcia Helena Cavasin Zabotto. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985. 243 p.

_____. **Os Jogos da Vida**. Tradução de E.Arten. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1977. 174 p.

_____. **O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino**. Tradução Rosa Krausz. São Paulo: Nobel, 1988. 356 p.

D'AVILA-BACARJI, Keiko Maly Garcia, MARTURANO, Edna Maria; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.15, n. 30, p.43-55. Abr. 2005 ISSN 0103-863X

DURIGAN, Joara Corrêa de Oliveira. **Práticas Pedagógicas e desempenho escolar de crianças em processo de alfabetização**. 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

ERSKINE, Richard G; Cura do Script: comportamental, intrapsíquica e fisiológica. **Instituto de Psicoterapia Integrativa**. Canadá, (s/d), Seção Artigos. Disponível em: <http://www.integrativetherapy.com/pt/articles.php?id=48>. Acesso em 17 abril 2014.

ERNST, Franklin H. O Curral Ok: O diagrama para seguir junto. (1981). **Prêmios Eric Berne: 1971-1997**. 4ª ed. Porto Alegre, p. 140-154. Mar 2010.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Ribeirão Preto, v.15, n.1, p. 35-44, 2002.

FIGUEIREDO, Vera L. M. de; et al. Habilidades cognitivas de crianças e adolescentes com distúrbio de aprendizagem. **Psico-USF**. Pelotas – RS. v. 12, n. 2, p. 281-290, jul./dez. 2007.

ITAA - The International Transactional Analysis Association. Core Concepts. Estados Unidos. (s/d). Disponível em: <https://www.itaaworld.org/index.php/about-ta/ta-core-concepts>. Acesso em 19 mar. 2014.

KERTÉSZ, Roberto. **Análise Transacional ao vivo**. Tradução Beatriz Sidou. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1987. 167 p.

MARTURANO, Edna Maria. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Ribeirão Preto -SP. v.15, n. 2, p. 135-142, maio-ago 1999.

MOOJEN, Sônia. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? In: RUBINSTEIN, Edith. (Org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 243-281.

OLIVEIRA, Fernando Antonio Leite de. Aspectos significativos que um artigo científico dentro da Análise Transacional deve conter. In: **Revista Brasileira de Análise Transacional**. Porto Alegre-RS, Ano XXI, n. 1, p. 11-15. Abr. 2011.

SANTOS, Marcelo Pelucio dos. **A importância dos vínculos afetivos com os pais e professores no desenvolvimento da aprendizagem da criança**. 2014. 18p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia Clínica). Faculdade Paulista – Fundepe. Marília- SP.

SCHIFF, Jacque. L. Análise Transacional - Tratamento de Psicoses - Leitura do Cathexis. In: **Apostila compilada pela UNAT-BRASIL**. 1986

SILVARES, Edwiges. F. M. O papel preventivo das clínicas- escola de psicologia em seu atendimento a crianças. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, n. 2, p. 87-97, 1993.

STEINER, Claude. A Economia de Carícias. In: **Prêmios Eric Berne: 1971-1997**. 4ª ed. Porto Alegre-RS. p. 107-114. Março 2010.

_____. **Os papéis que vivemos na vida: A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas**. Tradução: George Schlessinger. Rio de Janeiro: Artenova S.A, 1976. 298 p.

STEVANATO, Indira Siqueira; et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003.